

Contribuições para história da leitura no Brasil:

elementos de dissertações de mestrado e teses de doutorado

Norma Sandra de Almeida Ferreira

Lilian Lopes Martin da Silva

Como citar: FERREIRA, N. S. A.; SILVA, L. L. M. Contribuições para história da leitura no Brasil: elementos de dissertações de mestrado e teses de doutorado. *In:* MORTATTI, M. R. L. (org.). **Alfabetização no Brasil:** uma história de sua história. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 135-154. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-178-2.p135-154>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CONTRIBUIÇÕES PARA HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL:
ELEMENTOS DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO
E TESES DE DOUTORADO

Norma Sandra de Almeida Ferreira

Lilian Lopes Martin da Silva

ENTRE O DADO E O CRIADO

Pela quantidade e diversidade de dissertações de mestrado e de teses de doutorado sobre leitura defendidas nos diversos programas de pós-graduação em nosso país, podemos afirmar que o campo de conhecimento em torno dessa temática vem-se constituindo com intensidade nas quatro últimas décadas.

Definir, ordenar, classificar a produção acumulada velozmente nesse campo e espalhada por diferentes lugares de pesquisa, é um desafio bastante complexo. Primeiramente, porque um campo não pode ser entendido como algo com fronteiras rígidas, delimitadas de forma a excluir aquilo que não lhe é reconhecível como similar, sem contradições. Definir um campo pelo acúmulo de produções acadêmicas que se voltam a um mesmo tema e pela possibilidade de gerar novas perspectivas de olhar, novas práticas e reflexões sobre um mesmo objeto de estudo é penetrar numa configuração multifacetada, porosa, fluida.

Dessa forma, um campo se configura enquanto tal por aproximações teórico-metodológicas, pela ênfase em alguns aspectos e pelas marcas discursivas em comum. Penetrar esse campo é movimentar-se por vários pontos de entrada, o que depende do modo como o pesquisador coloca em articulação outros pontos possíveis de serem indagados a partir do seu objeto de investigação, criando a imagem de uma rede em que fios se cruzam, se rompem, se unem, são rejeitados (temporariamente), uns sendo valorizados em detrimento de outros. Fios que produzem combinações inúmeras e provisórias, o que dá a esse campo contornos imprecisos do ponto de vista teórico-metodológico, das

temáticas de interesse, das fontes, o que permite sua interrogação pelos pesquisadores situados e comprometidos com grupos de pesquisas também distintos.

Em outra direção, definir e organizar um campo de conhecimento é também um desafio de natureza escriturística, de registro e de interpretação: “[...] fazer história é escrever a história: É nessa fronteira mutável, entre o dado e o criado, e finalmente entre natureza e a cultura, que ocorre a pesquisa.” (CERTEAU, 2002, p. 78). Escrever uma história sobre um conhecimento que se quer registrar e problematizar é aceitar que toda historiografia constrói uma inteligibilidade pelas marcas deixadas no documento, pelos sintomas daquilo que o produziu, e que o saber do historiador será marcado pelo que está no (seu) tempo (CERTEAU, 2002).

É nessa perspectiva que este texto tem como propósito apresentar quantitativamente o volume de dissertações de mestrado e de teses de doutorado sobre leitura, defendidas nos programas de pós-graduação. Muito mais com a preocupação de um levantamento e identificação dos trabalhos de forma a construir uma paisagem do que como uma iniciativa de realizar um mapeamento para esgotar o assunto. Quer destacar desse conjunto maior aquelas pesquisas que se enquadram na perspectiva da história da leitura, do livro, do leitor — temática mais pertinente ao I Seminário Internacional sobre História do Ensino da Leitura e Escrita, para o qual este texto foi escrito.

Propõe-se, ainda, a relatar trabalhos produzidos no interior do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita, do qual fazemos parte, e que se inserem nessa temática (FERREIRA, 1999, 2001, 2003; MARTINS, 2005; PENIDO, 2010).

UMA HISTÓRIA DA LEITURA, NA PERSPECTIVA ACADÊMICA

Como sabemos, é recente a história da produção acadêmica sobre Leitura, se considerarmos aquela produzida no interior dos programas de pós-graduação do país, os quais têm também uma vida recente (os primeiros programas datam da segunda metade dos anos 60: PUC-RJ e PUC-SP).¹

Em levantamento feito por nós das dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre Leitura defendidas no Brasil, no período de 1965 a 2005, em diferentes programas de pós-graduação, é possível identificar, além dos primeiros 22 trabalhos referentes ao período de 1965 a 1979, o seguinte crescimento: 189 trabalhos de 1980-1995 (FERREIRA, 2001); outras 227 produções de 1996 a 2000 (FERREIRA, 2003; MARTINS, 2005; PENIDO, 2010) e um outro agrupamento, de 596 trabalhos de 2001 a 2005 (PENIDO, 2010).²

¹ Uma apresentação das primeiras pesquisas sobre leitura, localizadas por nós, pode ser lida no artigo: “Contribuições para a escrita da história da produção acadêmica sobre Leitura, no Brasil – 1965-1979”. *Revista da Educação Pública*, Cuiabá, MT, v. 16, n. 30, p. 29-42, jan./abr. 2007.

² O levantamento e identificação das dissertações de mestrado e teses de doutorado é resultado de um trabalho

Segundo Penido (2010) foi identificado um total de 1034 trabalhos que tomam Leitura como objeto de investigação, no período de 1965 a 2005. Desse conjunto, 844 são dissertações de mestrado; 188 são teses de doutorado; e 2 são teses de livre-docência. Essas pesquisas foram realizadas e apresentadas nos seguintes programas de pós-graduação: Letras/Linguística, Educação, Psicologia, Biblioteconomia, História, Comunicação.

Tal adensamento em torno da problemática da leitura, não somente é perceptível numericamente, como também é revelador da complexidade dessa temática. A produção é intensamente desenvolvida por uma comunidade de pesquisadores que se espalha, de maneira significativa, por diferentes lugares de produção acadêmica em nosso país, em diversas universidades públicas (federais e estaduais) e particulares e em diferentes áreas do conhecimento. Tal adensamento é revelador ainda da atualidade da temática, alimentada provavelmente pela ideia de urgência que a leitura ocupa na sociedade moderna, movimentando discussões de diferentes ordens, práticas e apropriações plurais, ações e projetos no campo das políticas públicas que circulam tanto no âmbito das academias quanto fora delas. Esse volume é ainda revelador de que a leitura incorpora e se apropria de estudos de diferentes campos do conhecimento, que se cruzam, marcam distinções, complementam-se, estabelecem relações: Psicolinguística, Sociolinguística, Teoria da Literatura, Pedagogia, Antropologia, História, Ciências da Linguagem, dentre outros.³

Assim, a produção da pesquisa em leitura se avoluma, diversifica-se, distribui-se por diferentes lugares, colocando em circulação ideários e práticas de investigação produzidas em diferentes centros, por diferentes pessoas. Complexifica-se, no interior de cada espaço e tempo, em suas relações com outras histórias, como a da educação no país, a das instituições de nível superior e a do próprio conhecimento.

Neste texto, deixaremos de apresentar essa produção no que diz respeito ao modo pelo qual se distribui pelos diferentes focos temáticos, pelo tempo e nos locais de produção. Dessa apresentação nos ocupamos em outros trabalhos.⁴

de garimpagem pelas prateleiras de diferentes bibliotecas universitárias, pelos catálogos de universidades e de agências de fomento à pesquisa (FERREIRA, 1999), pela consulta a endereços eletrônicos das universidades e dos bancos de dados informatizados -Unibibli, Dedalus, IBICT e CAPES - (PENIDO, 2010). Foram digitados o radical “leit-” e as palavras-chave: “leitura”, “leitor”, “ler”, “livros”, em diferentes combinações com outras expressões, como “ensino de”, “história de”, dentre outras. (FERREIRA, 2001, 2003). Desse modo, os trabalhos são identificados pelo tema em questão em suas relações com outros dados a eles articulados: o lugar de produção, quem produz, quando etc. Isso significa que pode surgir trabalho de uma área sem tradição na pesquisa sobre esse tema, como é o caso de um programa de pós-graduação em Física, ou de uma área no país recentemente preocupada com a leitura, como é o caso do programa de pós-graduação em História.

³ O volume de dados identificado por Penido (2010) é ainda indicador da eficiência dos bancos de dados informatizados que, nos últimos anos, têm sido grandes divulgadores da produção acadêmica, como, por exemplo, o Portal da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: <http://www.capes.gov.br>.

⁴ A produção foi organizada em torno dos seguintes focos temáticos: compreensão/desempenho da leitura; a análise do ensino da leitura, leitores: preferências, hábitos, histórias e representações; leitores-professores e bibliotecários; texto de leitura usado na escola; história da leitura, do livro, leitor (FERREIRA, 1999, 2001).

Extraímos de toda essa produção acadêmica inventariada um conjunto formado por 68 pesquisas que a nós pareceu terem em comum a temática “história da leitura, do livro, do leitor”.

São trabalhos desenvolvidos numa perspectiva histórica e historiográfica. Guiam-se pelo esforço de compreensão de realidades antigas, deixando claramente posta a ideia de que a leitura traz uma história. Estão voltados para o conhecimento do funcionamento da leitura no interior das condições que a alimentam, na materialidade dos objetos em que ela se inscreve, nos leitores encarnados em suas comunidades e que lhe dão formas, para as práticas que produzem sentidos.

Um trabalho pioneiro e isolado nessa abordagem é *O perfil do leitor colonial*, de Jorge de Souza Araújo. Trata-se de uma tese de doutorado, defendida em 1986, que apresenta um exaustivo inventário das bibliotecas e do funcionamento do comércio livreiro para compor o perfil do leitor na época colonial brasileira.

No entanto, é a partir dos anos 90 que esse tipo de investigação de cunho historiográfico se intensifica, num crescendo bastante interessante. São 7, no período de 1990 a 1995; 20, de 1996 a 2000; 40, de 2001 a 2005. Só nos cinco últimos anos, a produção apresenta o dobro do total acumulado em dez anos, num movimento que cresce em todos os períodos estudados, sugerindo a constituição de um campo marcado pelos estudos da História Cultural, da História da Educação, da Linguagem, da Antropologia etc.

Entre práticas e representações, a leitura é (re-)visitada, e a escrita da (sua) história é posta pelos seus atores (escritores, livreiros, editores, leitores), pelos seus espaços (livraria, bibliotecas, gabinetes de leitura, escolas), pelos seus objetos (pergaminhos, livros manuscritos, impressos).

Uma primeira direção que movimenta essa produção pode ser caracterizada pela história das instituições, assim como das práticas de leitura instituídas no interior delas. São estudos que indiciam a posse, a circulação, os usos dos livros em seus espaços de disseminação da cultura escrita, de formação dos leitores, de memória, como, por exemplo, os trabalhos sobre: bibliotecas particulares (ALVARENGA, 2003); biblioteca infantil (FIGUEIREDO FILHA, 2001), bibliotecas públicas (PAULA, 2000; SILVA, 2002; STEINDEL, 2005; SALGADO, 2002); editoras, livrarias e gabinetes de leitura (MARTINS, 1990; SCHAPOCHINIK, 1999; ROLLEMBERG, 2005). Tais trabalhos trazem em comum o manuseio e a consulta a inventários de bens, documentos de familiares, jornais da época, correspondências entre leitores/editores/livreiros, livros de atas e projetos de leis, acervos, depoimentos de frequentadores, dentre outros aspectos. Uma biblioteca como espaço de leitura, educação e memória social é estudada em Figueiredo Filha (2001), no âmbito da educação brasileira nos anos 30 do século XX. Para ela, as ideias de Anísio Teixeira influenciaram Denise Tavares na criação de um projeto de biblioteca em todo o Estado da Bahia, em especial a Biblioteca Infantil de Vitória da Conquista.

São estudos que apresentam a escola e a biblioteca como espaços de convivência e de práticas de leitura marcadas pelas mudanças propostas no âmbito da educação brasileira, especialmente das primeiras décadas do século XX, como o de Yrigoyen (2004), em *A vanguarda taubateana: um olhar sobre a leitura pedagógica na primeira metade do século XX*, que estuda as práticas de leitura utilizadas na cidade de Taubaté/SP, em duas escolas, uma de ensino particular e de cunho religioso, outra da rede pública: o Colégio Diocesano Santo Antonio e a Escola Estadual Monteiro Lobato (antigo Ginásio Estadual de Taubaté). Schmidt (1995, p. 3):

[...] discute como o Instituto de Educação, nos anos de 1923-37, durante a direção de Lourenço Filho, sob administração de Anísio Teixeira, da Instrução Pública do Departamento de Educação do Distrito Federal, constitui uma nova prática de formação docente no exercício disciplinado do olhar: livros, leituras.

Numa segunda direção, as pesquisas se voltam para os suportes de leitura, principalmente os impressos; ora como fontes, ora como objetos de investigação, ou ainda em ambos os casos — manuais escolares, programas de ensino, livros de literatura, jornais e revistas educacionais, dentre outros — trazem também elementos para a história da leitura, da educação dos leitores de outros tempos, das práticas de leitura, de concepções de leitores, usos e circulação desse material. É desenvolvida aqui uma produção sobre modos de ler e modos de ensinar a ler: em manuais didáticos (CABRINI, 1994; FERNANDES, G., 2001; VENTURINI, 2004); em romances folhetins dos jornais 1858-1870 (FACIOLA, 2005); em folhetos de cordel (GALVÃO, 2000); livros de literatura (BASSI, 1993). São impressos destinados a leitores alunos ou leitores comuns, mas há também estudos que tomam os periódicos pedagógicos voltados para os educadores, discutindo o ensino da leitura, como o da *Revista Escolar* (VALERIO, 2003); método pedagógico de leitura bíblica (PAIVA, 2000); formas de ler nas escolas no sudeste/sul do país (ZAPPONE, 2001); prática da leitura seriada (OLIVEIRA, 2004).

Fazem parte desse grupo, pesquisas focadas nos objetos de leitura, especificamente manuais de ensino voltados para a história da disciplina Língua Portuguesa, história do ensino da leitura através da análise de diferentes edições de uma mesma obra durante certo período. Venturini (2004), por exemplo, analisa as mudanças e as permanências que os livros didáticos de Língua Portuguesa de autoria de Hermínio Sargentim, dos anos de 1974 e 1999, apresentam em termos da estrutura e proposta pedagógica, da seleção de textos, das atividades de leitura, da linguagem oral e dos conhecimentos linguísticos. Razzini (1992) traça o percurso da *Antologia Nacional*, de Carlos de Laet, através de comparações entre suas diferentes edições e entre outras obras anteriores, interrogando sobre o fenômeno de sua longevidade e seu declínio. Trabalhos como esses, voltados para a observação das permanências e mudanças em diferentes edições de uma mesma obra, podem colaborar para um conhecimento acerca dos leitores previstos e os modos de ler, instituídos e desejados no polo da produção.

A tese de doutorado de Laguna (2003), intitulada *Uma leitura dos livros de leitura da Escola Americana de São Paulo (1889-1933)*, é um exemplo dessa perspectiva. No resumo do trabalho, a pesquisadora informa que sua fonte privilegiada de investigação é o livro de leitura, especialmente aquele que consta da bibliografia dos programas dos cursos primário, intermediário e secundário da Escola Americana. Diz ela: “Do conjunto dos livros escolares citados nessa bibliografia e que eu recuperei em sebos, selecionei treze para pesquisar, privilegiando o recorte livros de leitura e livros de ensinamentos morais e patrióticos.” (LAGUNA, 2003, p. 3). Também Oliveira (2004), com o trabalho denominado *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1910)*, analisa duas séries graduadas de leitura, que se destacaram pela longa permanência nas listas de divulgação de livros didáticos das editoras. Uma, de autoria de Felisberto de Carvalho, e outra, de Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto. Ainda a pesquisa de Giselle Fernandes (2001) pode ser identificada como aquela que privilegia duas obras escolares do final do século XX que serviam como material de apoio nas aulas: *Exercícios de estylo* (1850), de Felisberto de Carvalho, e *Livro de composição* (1899), de Olavo Bilac e Manoel Bonfim.

De acordo com os estudos de cunho historiográfico, tais pesquisas estão preocupadas com a relação dos homens com os objetos de leitura, distintos no tempo em seus suportes e materialidade, como, por exemplo, as diferentes edições de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (ARRIGONI, 2000) e do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov (RIBEIRO, 2002, p. 4), que “[...] tem como objetivo compreender como o projeto gráfico – e decorrentes relações entre os elementos gráficos, tipográficos – podem materializar sua vocação simbólica e o seu uso como instrumentos de comunicação, conforme momento de recepção da obra.”

No plano das prescrições e normatizações, os pesquisadores se voltam para programas, decretos, instruções circulares, propostas pedagógicas direcionadas aos professores, como o de Klinke (2003), que busca compreender o modo como as formas de ler foram gestadas dentro de projeto pedagógico do modelo de ensino graduado nas três primeiras décadas, no Estado de Minas Gerais. Ou, então, a pesquisa denominada *Comissão de seleção dos livros didáticos (1935-1951): guardiã e censora da produção didática*, de Gonçalves (2005), que traz uma investigação documental das prescrições que nortearam a produção, seleção e uso de livros de leitura de ensino primário e de cartilhas no Estado de São Paulo, no período de 1935 a 1951. E, ainda, a dissertação de mestrado de Valério (2003), com a análise das propostas apresentadas ao professor primário da década de 1920, por meio do periódico *Revista Escolar*, e análise dos textos apresentados no livro didático *Língua Portuguesa – Leituras Variadíssimas*, sem autor, da editora FTD, em que se constatou que a escola da década de 1920, por meio de “aulas prontas”, propunha uma “receita” para uma infância bem comportada e religiosa.

Numa terceira direção, os trabalhos olham para os sujeitos que fazem parte do mundo da leitura e dos livros — escritores, editores, livreiros, censores, leitores.

Os estudos são tentativas de aproximação de uma visão dos leitores de outros tempos, pelas pistas deixadas nos objetos culturais — nos livros, nas fotos, nas pinturas, nos depoimentos autobiográficos, nas cartas e periódicos — que circularam e foram produzidos em outras épocas, focalizando representações ligadas à leitura. Na iconografia, por exemplo, temos a pesquisa de Bueno (2003, p. 2), que olha “[...] para práticas de leitura iconográficas indicadas nos livros didáticos de história, do final do século XIX e final do XX.”; o de Cortez (2005), que se detém nas representações de leitura e de leitor no oitocentos brasileiro na pintura de Almeida Junior. No campo das representações, é possível situar ainda pesquisas interessadas em diferentes gêneros discursivos: cartas de leitores de Monteiro Lobato (EDREIRA, 2003), prefácios oitocentistas (SALES, 2003); em livros de literatura (FERNANDES, 2004; FORMIGA, 2004; SOCHODOLAK, 2005); contos de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* (SILVEIRA, 2005); discursos dos viajantes e missionários franceses na época colonial, no Brasil (NUNES, 1992).

Nessa direção, também são agrupadas pesquisas que traçam singularidades do ato de ler e atitudes compartilhadas em certas comunidades de leitores que são diferentemente significadas em lugares também distintos, como: leitores idosos (BARRETO, 2003; VETTER, 2005); leitoras mulheres (BURLAMARQUE, 2004; LACERDA, 1999; HELLER, 1997; MORAIS, 1996); leitores moradores de uma determinada cidade, como Piracicaba/SP (MACEDO, 2005) ou Goiânia/GO (MELO, 2002). Mais do que a identificação dos leitores pela classe socioeconômica, gênero (sexo), idade e nível de escolaridade, os leitores são caracterizados como pertencentes a uma específica comunidade de leitores que compartilha a aprendizagem de gostos, gestos, hábitos, habilidades, modos de ler e familiaridade com certos objetos e espaços de leitura. Ainda a tese de doutorado de Villalta (1999) se enquadra nessa perspectiva, quando investiga os usos interditados e prescritos dos livros no Brasil Colônia, no período de 1750 a 1808, acompanhando as práticas de controle da Coroa Portuguesa e a composição das bibliotecas e concepções dos usos pelos próprios leitores.

No geral, essa produção acadêmica é reveladora de que, ao longo do tempo, a escrita da história da leitura pode ser sempre revisitada e interrogada a partir da colocação de outras questões, a partir de cruzamentos, comparações, aproximações de diferentes fontes e documentos, concepções de ciência, movimentos e ambiguidades no entendimento sobre a temática.

Considerando esse conjunto de trabalhos, lembramos da afirmação de Pécora (1996, p. 16), na introdução ao livro *Práticas da leitura*, por ocasião de sua tradução no Brasil. Diz ele:

[...] é evidente que a investigação de Chartier e do grupo de estudiosos reunido em Saint-Maximim [cujos trabalhos foram compilados na coletânea em questão] depende fundamentalmente do exame de material primário, da visita aos arquivos e do levantamento de dispositivos finos de leitura desses mundos aparentemente arruinados ou mortos. Necessidade de constituição de corpus cada vez mais complexos, eis o que reafirma o tipo de história cultural pensada à maneira de Chartier. Se isso obviamente não basta para estancarmos de vez nossa veia ensaística, ao menos que sirva para lhe darmos um caráter mais convincente e menos anacrônico.

Podemos pensar que esses trabalhos vêm-se movimentando na direção da aposta de Pécora. Apóiam-se em fontes primárias..., levam a constituição de arquivos e bancos de materiais..., ajudam a construir um discurso em torno da leitura que supera essa suposta tradição ensaística da área.

CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA

O surgimento do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita – ALLE é resultado de um movimento de organização e fortalecimento dos grupos de pesquisa, iniciado nos anos 90 do século XX, no interior da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bem como das demais instituições de ensino superior do país. E, como forma de organização não somente na esfera da produção acadêmica, mas também na esfera administrativa. Integra o conjunto de mais de 30 grupos que compõem o Programa de Pós-Graduação em Educação, nessa instituição.

É nesse ambiente institucional de mudança que o ALLE apareceu em 1998; conta atualmente com três professores da FE, mais um professor aposentado, além de alunos de nossa pós-graduação, alunos de outros programas de pós-graduação e estudantes da graduação. O ALLE está ligado à área temática denominada “Educação, conhecimento, linguagem e arte”. A combinação das palavras que constituem a denominação dessa área remete para diferentes fenômenos da cultura, tomados em suas múltiplas realizações e em seus diferentes aspectos como objeto de investigação pelos sete grupos de pesquisa que a compõem. A ideia é que todos os trabalhos desenvolvidos no interior dessa área possam considerar ou tomar a cultura como instância de produção da educação, da arte, da linguagem, da memória e do conhecimento.

No caso do ALLE, o maior desafio é refletir sobre a cultura escrita e a leitura, suas formas de existência nas sociedades, em diferentes tempos e lugares, sua produção, circulação e recepção, dentro e fora das instituições, suas relações com outras linguagens e tecnologias e os processos de constituição dos leitores. Sua produção vem acumulando pesquisas no campo da educação, no que se relaciona ao livro, à leitura, à escrita, à literatura.⁵

⁵ Na produção que envolve todos os pesquisadores do ALLE há um conjunto de trabalhos voltados também para a escola, o ensino, a sala de aula, os alunos e os professores, e a dimensão afetiva, histórica e cultural que

Nessa perspectiva, o ALLE tem priorizado como interlocutores os pesquisadores que nas últimas décadas são ligados aos estudos da História da Educação, da História Cultural, que (inter-)cruzam a história do livro, do leitor e da leitura, (inter-)cruzam outras áreas como História, Antropologia, Linguística, Sociologia, Pedagogia, além de se caracterizarem pela ampliação do uso das fontes, das escolhas temáticas e dos objetos de investigação. São pesquisadores que têm caminhado para além da compreensão das ideias sobre leitura e que são, em muitos casos, veiculadas entre nós. Numa visão mais alargada, voltam-se também para os profissionais ligados ao mundo do livro e da leitura, aos espaços destinados aos objetos da cultura letrada, aos leitores — crianças, jovens, mulheres, idosos — e a objetos e suportes de textos que não apenas aqueles que circulam na escola, numa compreensão de que a educação ultrapassa os limites da instituição.

É nessa direção que trazemos alguns trabalhos, finalizados e em andamento no interior do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita, do qual fazemos parte.⁶ Será dado destaque para aqueles — de cunho mais historiográfico — que tratam dos métodos de ensino, dos manuais e das práticas escolares cotidianas, ligados ao papel educativo da leitura nas instituições tradicionalmente reconhecidas como formadoras de leitores — escola, mídia e biblioteca.

No conjunto, tais pesquisas se apresentam em várias direções no campo da produção, circulação e apropriação de impressos, em sua materialidade, na tensão construída entre representações e práticas inscritas nesse material. Tomam como objeto representações, práticas e discursos que (en-)formam e dão inteligibilidade ao mundo da leitura pelos suportes de textos, pelos sujeitos e suas instituições histórico-culturalmente datados.

A tese de doutorado de Maciel Filho (2004) é um exemplo dos nossos trabalhos. Sua pesquisa compara os métodos musicais *A escola de música* (THOMAS ROBINSON, 1603) e *A técnica do clarinete* (FREDERICK THURSTON, 1978) “[...] procurando problematizar a noção de leitura que vem permeando a elaboração dos métodos musicais e a relação estabelecida entre os sujeitos-leitores (alunos e professores) e o objeto (métodos musicais) no processo de aprendizagem.” (MACIEL FILHO, 2004, p.3). Esses métodos, produzidos há quase quatro séculos, são ainda usados em grande medida no ensino de instrumentos musicais. Trazem, em comum, uma representação de leitura chamada pelo autor como “leitura como petrificação”, aquela que privilegia um objeto de estudo como conteúdo de toda a verdade, onde a atividade do leitor implicaria somente desvendar sentidos depositados no texto por seu autor e propagados

envolve a questão da mediação na educação dos leitores. Informações mais completas estão disponíveis no site do Grupo: <http://www.unicamp.br/alle>

⁶ O ALLE acumula a seguinte quantidade de pesquisas concluídas: 43 estudos, entre trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica; 36 dissertações de mestrado, 24 teses de doutorado e 05 trabalhos de pós doutorado. Em andamento (2010) são 07 pesquisas em nível de doutorado; 11 de mestrado e 01 pesquisa de pós doutorado.

pelo seu professor. Nas aulas a que o pesquisador assistiu ou que filmou, é possível identificar o quanto professores e alunos insistem em aceitar a ortodoxia da mensagem contida no método, tentando corresponder a um modelo de comunidade de leitores que compartilha os mesmos gestos, expectativas, habilidades, entendimentos. Por um processo de imitação, alunos tentam seguir a leitura do professor, nota a nota, mas aos poucos passam a atribuir os seus próprios sentidos, mesmo quando acreditam que estão fazendo exatamente o que o mestre ensina. Cada um deles, a cada aula: “Nos episódios escolhidos, cada vez que realizavam a leitura, nunca a faziam de modo idêntico, existindo algo de novo a notar em suas leituras. E com essas diferenças e até mesmo com os erros cometidos pelas alunas é possível dizer que configuraram ‘outras’ leituras” (MACIEL FILHO, 2004, p. 93). Entre a imposição das prescrições inscritas nos métodos, o controle disciplinador das interpretações do professor e a “imitação” dos alunos como forma de pertencimento a uma comunidade de leitores (dessa linguagem musical), cria-se uma produção de sentidos sempre possíveis, singulares, criadores de novas interpretações e do estilo próprio de cada um.

Também Santos, em sua tese de doutorado em andamento, apresenta e descreve duas obras manuscritas – *O livro de Hilda* e *Versos para pequeninos*, ambas de autoria de João Kopke, provavelmente não publicadas, totalmente desconhecidas no meio acadêmico e que fazem parte do acervo pessoal da família Kopke. A primeira, um manual completo composto por uma historieta com ilustrações com a intenção de alfabetizar crianças pelo método analítico. No final, “Orientações para os professores”, em que Kopke informa as qualidades do método e apresenta argumentos para sua adoção. Trata-se de um objeto da cultura escolar que pode revelar aspectos não somente do ensino da leitura, como também do entendimento que Kopke tem da criança leitora, de como ela aprende, quais são seus interesses temáticos, sua visão de linguagem infantil e como os adultos podem mediar esse processo, facilitando e dando-lhe uma perspectiva prazerosa. No debate sobre a eficiência dos métodos de leitura na história da alfabetização do Brasil (MORTATTI, 2000), o reconhecido educador brasileiro sugere pelas pistas deixadas nesse material um modelo (ideal) de leitor infantil produzido em determinadas condições sócio-históricas. O segundo material — *Versos para pequeninos* — tem sido denominado provisoriamente pela pesquisadora como uma “Pasta”, que reúne diferentes manuscritos, impressos datilografados, impressos recortados e colados, ilustrações, um conjunto de poemas, uma peça de teatro, uma tradução de um conto de amor para jovens leitores. Nesse material, a escrita de Kopke é recortada e entrecortada de intervenções do autor, de suas inserções e exclusões, de revisões ortográficas, gramaticais e de sinais de apagamento. Diferentemente de *O livro de Hilda* (versão mais acabada), nos textos deixados na “Pasta”, o autor (re-)lê sua própria produção, deixando vestígios de sua leitura pela escrita nas margens e nos espaços brancos das folhas, orientado também por uma representação do jovem leitor aprendiz da língua a ser educado na cultura letrada.

Ainda a dissertação de mestrado de Garcia (2010) se enquadra nesses estudos da compreensão da leitura inscrita nos impressos que pretendem “captar” o jovem (iniciante) leitor, sugerindo padrões de modos de ler, de textos mais adequados, de gosto e de familiaridade com certos bens da cultura letrada. Para Garcia (2010), as intervenções feitas de próprio punho pelo escritor Monteiro Lobato em uma das edições de *Orlando Furioso* (de Ludovico Ariosto, traduzido por Xavier da Cunha), não sugerem uma reflexão dele sobre o texto, como leitor, em um tom de crítica, ironia, elogio ou comentário sobre alguma parte do enredo. Suas anotações — feitas nas margens, na parte superior e na inferior das folhas ou entre as frases de um parágrafo — sugerem trabalho, uma lida com o texto, a busca de ajustes, com a intenção provável de adaptá-lo para outro público leitor; uma “adaptação” de um clássico italiano do século XVI, uma narrativa de cavalaria, que, para ser degustada por um jovem leitor do século XX, deveria ser submetida a estratégias textuais (cortes nas descrições de enredo e dos personagens, simplificação e atualização na linguagem, inserção de frases na ordem direta etc.) e a estratégias editoriais (seleção e diminuição do tamanho das ilustrações, subtítulos nos capítulos, entre outras).

O outro conjunto de trabalhos destaca a importância de obras ou de coleções de livros que marcaram durante um longo tempo sua presença, como formadores de diferentes gerações de leitores, educando segundo valores e temáticas inscritos nesse material. A tese de doutorado de Ilsa do Carmo Vieira Goulart (em andamento), intitulada *Um estudo sobre representações de leitura e prática pedagógica inscritas na série “Meninice”, de Luiz Gonzaga Fleury (1930-195?)* é um exemplo dessa perspectiva. No resumo do trabalho, a pesquisadora informa que sua fonte privilegiada são os livros que compõem uma série graduada do ensino de Português, na busca de indícios dos protocolos de leitura nas atividades, nos paratextos (prefácios, orelhas, quarta capa etc.) possíveis de serem lidos e interpretados nesse material dirigido ao leitor, mas que é sempre mediado pelo professor. Goulart amplia a investigação, no doutorado, a partir da dissertação de mestrado, defendida em 2009, cujo objetivo foi investigar o papel que o livro, em sua materialidade, ocupa na relação do leitor com esse objeto, através de entrevistas com pessoas com mais de 50 anos, as quais guardaram seus livros de leitura do período em que estudaram até o presente.

Tomada pela pergunta “O que levaria uma pessoa a guardar por tanto tempo um livro, ou a procurar por uma edição similar ao que já teve?”, Goulart recolhe depoimentos que revelam que a posse do livro, como objeto físico, materializa valores incentivados pela cultura letrada, aciona na memória práticas “antigas” de leitura, e, principalmente, representações de um tempo (infância) cercado de lembranças pessoais e afetivas (entre pais, irmãos, professores) tão positivas, que despertam o desejo de conservar. Segundo a autora:

Se a leitura, conforme Certeau (1994), não se deixa fixar e não possui reservas, o livro se tornará aquilo que se pode guardar numa estante, numa mesa, na memória.

Não (apenas) pelo seu conteúdo, pela história que ensina, pelo estilo do autor, mas porque, naquela edição, com aquela capa, com aquela cor, com aquele tipo de papel e letra, o livro poderá oferecer ou mesmo restituir imagens, fatos, sensações, sentimentos, a “leitura perdida” ligados a um momento – singular – vivido entre leitores. (GOULART, 2009, p. 19).

Já a tese de doutorado de Maria das Dores Maziero (em andamento) tem como tema os livros da Coleção “Biblioteca Infantil Melhoramentos”, composta de 100 títulos publicados no período de 1915 a 1958. A Coleção está organizada em duas fases: a primeira, que vai de 1915 a 1925 — sob a coordenação de Arnaldo Barreto — e a segunda, que vai de 1926 a 1958, sob a orientação de M. B. Lourenço Filho. A pesquisadora se propõe a analisar e estudar os 28 primeiros títulos, aqueles correspondentes à primeira fase — incluídas aí as versões que receberam sob a orientação de Lourenço Filho — a partir de exemplares de diferentes edições. Ela pretende olhar para as mudanças e permanências entre os projetos editoriais pensados para uma e outra versão dos livros dessa primeira fase de publicação da coleção, especialmente quanto a: 1) sujeitos envolvidos (autor/adaptador/ilustrador/editor); 2) aspectos tipográficos e textuais; 3) representação de leitor pressuposto; 4) práticas de leitura pressupostas.

No ALLE, ainda há estudos que investigam visões de leitura e de leitor, prescrições de uso, protocolos de leitura, formas e práticas inscritas não somente nas iconografias ou nos textos verbais dos manuais escolares e livros de literatura, mas ainda em jornais, inquéritos de leitura, dentre outros. A tese de doutorado de Oliveira (em andamento) ocupa-se do tema da leitura e dos leitores tal como configurados na *Revista Ilustrada*, periódico nacional do final do século XIX. A dissertação de mestrado de Sena, com o título *Uma leitura do Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” de Cecília Meireles*, toma como objeto e fonte de investigação o próprio Relatório que foi encomendado e publicado pelo Instituto de Pesquisas Educacionais – IPE, em 1934, no âmbito de suas condições de produção. Sena busca compreender as respostas dos alunos, de escolas públicas, da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1931 — suas leituras, preferências e aversões a livros, autores, gêneros e práticas de leitura —, produzidas em um campo de lutas, onde grupos e instituições impõem seus valores e concepções. E, também, Sena questiona o quanto a elaboração do Inquérito e a interpretação dos dados organizados no Relatório são pautadas no jogo de representações de, no mínimo, três naturezas: 1. o lugar que Cecília Meireles ocupava no cenário brasileiro: escritora, jornalista, educadora, militante dos ideais da Escola Nova; 2. suas concepções de (boa) literatura, de leitura (prazerosa) de leitores ávidos, curiosos; 3. sua visão de pesquisa científica - neutra, técnica, possível de ser controlada e confiável.

Na direção de conhecer e compreender os objetos, leitores e práticas de leitura que se configuram nos espaços institucionalizados e marcados por comunidades de leitores que os frequentam, Sonia Takamatsu pesquisa (em andamento) a biblioteca

do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, no período de sua formação, entre os anos de 1903 e 1908. Já na dissertação de mestrado intitulada *Entre louças, pianos, livros e impressos: a Casa Livro Azul – 1876-1958*, Santos (2004, p. 3) propõe uma visão da loja pelo modo como ela “[...] anunciava seus produtos e mercadorias para uma sociedade que se iniciava no mundo escriturístico e que ainda estava pouco familiarizada com uma tipografia, papelaria e livraria locais. Essa pesquisadora estudou as propagandas publicadas, pela Casa Livro Azul, nos principais jornais da cidade de Campinas/SP, a leitura dos “Memoriais Comemorativos de Aniversário” publicados por seus proprietários e depoimentos de antigos frequentadores e descendentes.

E, por último, têm sido de interesse do ALLE os estudos sobre o circuito do livro e a divulgação de práticas de leituras no tempo e no espaço, especialmente a circulação das cartilhas. A tese de doutorado de Correa (2006), intitulada *Circuito do livro escolar: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto educacional amazonense 1852-1910* é um desses trabalhos. Sua contribuição é na escrita da história do ensino inicial de leitura na região norte do nosso país e nos modos de circulação desses impressos naquela região e em diferentes lugares do país. Para o seu desenvolvimento, o pesquisador priorizou o modelo de análise proposto por Robert Darnton (1995), ao examinar o circuito de comunicação percorrido pelos livros nas diferentes fases que marcam sua existência: produção, difusão e consumo. O pesquisador operou com o livro escolar no Estado do Amazonas, colocando em cena aspectos até então pouco conhecidos, tais como: os sujeitos, as práticas e os dispositivos que estiveram envolvidos na dinâmica de funcionamento desse circuito.

Finalizando, podemos afirmar que as pesquisas desenvolvidas no interior do ALLE fazem parte desse movimento que articula indissociavelmente a história da leitura (práticas singulares, inventivas e compartilhadas/disciplinadoras) com a história do livro (suportes de textos com seus dispositivos formais — textuais e editoriais — e discursivos) e a história dos leitores (dotados de habilidades, expectativas, gestos, usos — identificados pelas suas posições e disposições em diferentes comunidades): “No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do leitor coloca-se necessariamente uma teoria da leitura [...]” (CHARTIER, 1996, p. 24), que transforma em tensão operatória o caráter todo poderoso do texto e de seu suporte e que desconsidera a leitura autônoma e a liberdade do leitor, produtor inventivo de sentidos.

A produção do ALLE tem, ainda, tentado acumular uma quantidade significativa de pesquisas para, assim, colaborar com o campo da história da leitura na perspectiva de gerar novas reflexões sobre um mesmo objeto, que é multifacetado.

Sabemos que muito ainda há que ser explorado e melhor compreendido no campo da história da leitura, do leitor e do livro. O conjunto maior de pesquisas acadêmicas mostra que grande parte dessa produção está focada na preocupação dos

pesquisadores com a leitura em seu processo cognitivo, no seu ensino e na formação de leitores e que pouco mais que 5% têm-se voltado para uma perspectiva histórica e historiográfica, o que sugere que essa produção ligada à história da leitura, do livro e do leitor apresenta muitos desafios para os atuais pesquisadores.

O acúmulo de uma quantidade maior de pesquisas pode colaborar para o apuramento das questões conceituais e metodológicas que envolvem essas pesquisas, podendo fortalecer e diversificar perspectivas de análise e de interesse por outros objetos e fontes ainda não investigados. A maioria dos trabalhos, por exemplo, está situada no período de tempo entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX; tem privilegiado ainda os impressos; tem se voltado muito raramente para a região norte de nosso país. É provável que o desenvolvimento de pesquisas em outras direções possam revelar novas (outras) práticas e representações da leitura na história da educação e da leitura de nosso país, ainda não explorados.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Thábata A. de. *Homens e livros em Vila Rica: 1750-1800*. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado em História Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *O perfil do leitor colonial*. 1988. 732 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- ARRIGONI, Maria Teresa. *O abismo, monte, a Luz: os símiles na leitura/tradução da Divina Comédia*. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2001.
- BARRETO, Angela M. *Memória de leituras: trajetória de leitores idosos do Vale do Paraíba: uma contribuição ao estudo das relações entre informação e produção de sentidos*. 2003. 193 f. Tese (Doutorado em Comunicações)–Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BASSI, Cristina M. *Joaquim Manuel de Macedo e a leitora do século XIX*. 1993. 96 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- BURLAMAQUE, Fabiane V. *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leitura*. 2004. 535 f. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- BUENO, João Batista G. *Representações iconográficas em livros didáticos de história*. 2003. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

- CABRINI, Conceição A. *Memória do livro didático: os livros de leitura de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho*. 1994. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)–Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.
- CORREA, Carlos Humberto A. *Círculo do livro escolar: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto educacional amazonense 1852-1910*. 2006. 240 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- CÔRTEZ, Maria Ignez I. *Representações da leitura na pintura de Almeida Júnior*. 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- DANTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- EDREIRA, Marco A. B. *À caça do sentido: práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926 – 1946)*. 2003. 266 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- FACIOLA, Rosana A. *Os romances folhetins dos jornais de Belém do Pará entre 1858 e 1870*. 2005. 2.v. 999 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.
- FERNANDES, Célia Regina Delacio. *Práticas de leitura escolar no Brasil: representações da escola, de professores e do ensino na literatura infanto-juvenil a partir dos anos 80*. 2004. 290 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- FERNANDES, Giselle. *Livros de redação no Brasil: o começo de uma história*. 2001. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. 1999. 359 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- _____. *A pesquisa sobre leitura no Brasil, 1980-2000*. Campinas: Komedi: Arte Escrita, 2001.
- _____. *Catálogo analítico de dissertações de mestrado e teses de doutorado: a pesquisa sobre leitura no Brasil, 1980-2000*. Campinas: FAEP, FE, Gráfica da Unicamp, 2003.
- FIGUEIREDO FILHA, Olga M. de. *A Biblioteca Infantil Monteiro Lobato de Vitória da Conquista: espaço de leitura, educação e memória social*. 2001. 118 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social)–Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001

- FORMIGA, Girlene M. *Uma leitura da criança*. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)*. 2000. 543 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- GARCIA, André A. *Orlando Furioso de Lobato: uma obra inconclusa*. 2010. 254 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- GONÇALVES, Rita de Cássia *Comissão de Seleção dos Livros Didáticos (1935-1951): guardiã e censora da produção didática*. 2005. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação, História Política e Sociedade)–Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *O livro: objetivo de estudo e de memória de leitura*. 2009. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- HELLER, Bárbara. *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)*. 1997. 292 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- KLINKE, Karina. *Escolarização da leitura no ensino graduado em Minas Gerais (1906-1930)*. 2003. 240 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- LACERDA, Lilian Maria de. *Álbum de leitura: memórias de vida, história de leitores*. 1999. 488 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- LAGUNA, Shirley Puccia. *Uma leitura dos livros de leitura da Escola Americana de São Paulo (1889-1933)*. 2003. 277 f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- MACEDO, Roselene Aparecida de. *Representações práticas e modos de apropriação da leitura em Piracicaba (1930-2002)*. 2005. 183 f. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.
- MACIEL FILHO, Leonel. *Sobre a(s) leitura(s) dos métodos musicais: da mimese ao estilo*. 2004. 212 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MARTINS, Ana Luíza. *Gabinetes de leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido: 1847-1890*. 1990. 380 f. Dissertação (Mestrado em História Social)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

- MARTINS, Renata P. *Estudos introdutórios sobre leitura no Brasil – 1996 a 2000*. 2005. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- MELO, Orlinda Maria de Fátima Carrijo. *A invenção da cidade: leitura e leitores*. 2002. 211 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras femininas no século XX (1850-1900)*. 1996. 183 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994*. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2000.
- NUNES, José Horta. *A construção dos leitores nos discursos dos viajantes e missionários*. 1992. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- OLIVEIRA, Cátia R. G. *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1910)*. 2004. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.
- PAIVA, Rejane de. *Na vida severina o povo construiu vida: o método pedagógico de leitura bíblica de Carlos Mesters*. 2000. 256 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- PAULA, Elaine Baptista de Matos. *Memória social e bibliotecas públicas no Brasil*. 2000. 202 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social)–Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- PÉCORRA, Alcir. O campo das práticas de leitura, segundo Chartier. In: CHARTIER, Roger *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 9-18.
- PENIDO, Thaís Nogueira. *Um estudo da leitura como temática nos resumos das teses de doutorado e das dissertações de mestrado no Brasil (2000-2005)*. 2010. 172 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- RAZZINI, Márcia de P. G. *O espelho da nação: a “Antologia nacional” e o ensino de português e de literatura (1838- 1971)*. 1992. 212 f. Tese (Doutorado Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- RIBEIRO, Juliana Pontes. *Capas de Livros: entre a arte e o artifício*. 165 f, Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)–Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais , 2002.
- ROLLEMBERG, Marcello C. *Um circo de letras: a editora Brasiliense e as transformações sociais, culturais e políticas do Brasil nos anos 60*. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)–Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SALES, Germana M.ria Araújo. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SALGADO, Luciana M. A. *A biblioteca virtual do estudante brasileiro da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo: um estudo da sua estrutura e dos seus usuários*. 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação)–Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SANTOS, Maria Lygia C. Kopke. *Entre louças, pianos, livros e impressos: A Casa Livro Azul – 1876-1958*. 2004. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*. 1999. 181 f. Tese (Doutorado em História Social)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SCHMIDT, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. 1995. 230 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SENA, Yara Máximo de. *Uma leitura do relatório do inquérito “Leituras Infantis de Cecília Meireles”*. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SILVA, Helen de Castro. *A biblioteca da fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX*. 2002. 128 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

SILVEIRA, Daniela M. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. 2005. 211 f. Dissertação (Mestrado em História)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOCHODOLAK, Hélio. *O jovem Nietzsche e a leitura*. 2005. 243 f. Tese (Doutorado em História)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

STEINDEL, Gisela E. *Dos espaços da leitura à constituição da instituição de leitura pública – conformação da biblioteca municipal de Jaraguá do Sul (SC): discursos e percursos (1937-1983)*. 2005. 2001 f. Tese (Doutorado Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VALÉRIO, Rosângela Almeida. *Propostas para o ensino de leitura na década de 1920*. 2003. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2003.

VENTURINI, Ioná V. G. *História do ensino de Língua Portuguesa nos livros didáticos brasileiros em dois tempos: a obra de Hermínio Sargentim (1974 e 1999)*. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

VETTER, Silvana M. de J. *Memórias de leitura de pessoas idosas*. 2005. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

VILLALTA, Luiz C. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: uso do livro na América portuguesa*. 1999. 546 f. Tese (Doutorado em História Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

YRIGOYEN, Vlademir. *A vanguarda taubateana: um olhar sobre a leitura pedagógica na primeira metade do século XX*. 2004. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)–Faculdade de Letras, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2004.

ZAPPONE, Mirian Hisae Y. *Práticas de leitura na escola*. 2001. 260 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.